

JUVENTUDE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS: trajetórias e narrativas das mobilizações no Brasil

YOUTH AND CLIMATE CHANGE: trajectories and narratives of mobilizations in Brazil

Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior¹

UFRN: <https://orcid.org/0000-0002-5553-6625>

Rylanneive Leonardo Pontes Teixeira²

UFRN: <https://orcid.org/0000-0001-8635-3234>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26192](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26192)

Resumo

O tema da juventude se cruza com a questão ambiental quando, no contexto contemporâneo, tem aumentado a atuação dos jovens frente às mudanças climáticas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é compreender e analisar, através das narrativas, as trajetórias e estratégias dos jovens entrevistados, bem como dos movimentos e ativistas brasileiros que se mobilizam em torno das mudanças climáticas. Para tanto, a metodologia da pesquisa é qualitativa, fazendo uso do levantamento bibliográfico, da aplicação de entrevistas semiestruturadas e da análise de conteúdo para o alcance dos resultados. A partir daí, concluímos que as trajetórias dos jovens estão ancoradas na influência familiar e na inserção no movimento estudantil. Ademais, as estratégias utilizadas se ancoram, principalmente, na conjuntura política ou no diálogo com o poder público.

Palavras-chave: Jovens. Movimentos sociais. Questão ambiental. Crise climática.

¹ E-mail: marcosaurelijunior@gmail.com

² E-mail: pontesrylanneive@gmail.com

Abstract

The theme of youth intersects with the environmental issue when, in the contemporary context, there has been an increase in the actions of young people in the face of climate change. In this sense, the objective of this article is to understand and analyze, through narratives, the trajectories and strategies of the young people interviewed, as well as of the Brazilian movements and activists who mobilize around climate change. To this end, the research methodology is qualitative, making use of a bibliographical survey, the application of semi-structured interviews and content analysis to reach the results. From this, we conclude that the trajectories of the young people are anchored in family influence and in their insertion in the student movement. Furthermore, the strategies used are anchored, mainly, in the political conjuncture or in the dialogue with the public power.

Keywords: Youth. Social movements. Environmental issue. Climate crisis.

Introdução

O presente artigo busca contribuir com os avanços analíticos acerca da categoria juventude enquanto ator político no Brasil, procurando trazer algumas reflexões teórico-metodológicas na perspectiva das mudanças climáticas, a qual, que cabe assinalar aqui, representa um campo bastante incipiente no Brasil quando se trata da sua relação com as literaturas sobre movimentos sociais e, sobretudo, movimentos de juventude. No curso da ampliação dos estudos sobre os jovens, tratamos aqui a juventude enquanto categoria política e social (VÁZQUEZ; COZACHCOW, 2017) por entendermos os jovens enquanto atores sociais envolvidos em relações e dinâmicas sociais aglutinadoras de ação política e engajamento social, como os grupos identitários e os novos movimentos sociais.

O fio condutor desta análise se dá a partir da atuação social e política de jovens lideranças de movimentos sociais atuantes nas discussões sobre mudanças climáticas no Brasil. Especificamente no ano de 2019, o tema das mudanças climáticas ganhou destaque no âmbito midiático por meio, principalmente, da ativista Greta Thunberg, uma jovem sueca mundialmente conhecida pela sua atuação frente às causas do clima. Especificamente no caso do Brasil, é visível a crescente participação e

visibilidade dos jovens ativistas que pautam as mudanças climáticas (OLIVEIRA, 2018; CRISTO; BARZANO, 2019; BARROS, 2020), inclusive através da grande mídia, consolidando, assim, os jovens ambientalistas no campo político.

Nessa perspectiva, pontuamos que o aumento da atuação de jovens brasileiros na temática ambiental é notório através tanto de movimentos que possuem a pauta das mudanças climáticas de maneira central quanto de movimentos que demandam as mudanças climáticas de maneira transversal (RIBERO; CAMPOS; DOULA, 2018; SILVA, 2016), seja em matérias de jornais, nas organizações sociais ou nos espaços universitários (grupos de pesquisa, projetos de extensão, coletivos etc.). É nesse sentido que surge a inquietação deste artigo, cujo objetivo é compreender e analisar, através das narrativas, as trajetórias e estratégias dos jovens entrevistados, bem como dos movimentos e ativistas brasileiros que se mobilizam em torno das mudanças climáticas.

Para tanto, a metodologia segue as orientações de uma abordagem de natureza qualitativa, ancorada no levantamento bibliográfico, que subsidiará a discussão teórico-conceitual sobre juventude e movimentos sociais, e mudanças climáticas; e na aplicação de entrevistas semiestruturadas com seis jovens lideranças dos seguintes movimentos: Engajamundo, Cicle - Pedalando Pelo Clima, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Greve Pelo Clima e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). É importante pontuar que o nosso intuito com essas entrevistas é buscar entender como os ativistas juvenis chegam aos movimentos sociais e a maneira como a questão das mudanças climáticas atravessa suas trajetórias. Para Cortes (1998, p. 5), “a entrevista é talvez o modo mais difundido de obtenção de informações discursivas não documentais utilizados pelos pesquisadores”, pois consegue obter dados concretos e dados subjetivos a partir de manifestações espontâneas por parte do entrevistado.

O contato com esses interlocutores se deu por meio da técnica de amostragem *snowball* ou (“bola de neve”), pois compreendemos que é útil para facilitar o acesso ao grupo a ser estudado. De acordo com Bockorni e Gomes (2021), a amostra “bola de neve” consiste numa técnica baseada em redes de referências e tem sido utilizada em pesquisas não probabilísticas e de abordagem qualitativa. De acordo com os autores, a técnica é útil ao passo que utiliza o conhecimento de pessoas já pertencentes a determinados grupos ou redes para localizar novos informantes. Desse modo, utilizamos a técnica a fim de, a partir das cadeias de referências dos entrevistados,

localizarmos os jovens militantes que compõem o campo político das questões juvenis e ambientais no Brasil.

Após a transcrição literal das entrevistas, utilizamos a análise de conteúdo como técnica de análise e tratamento dos dados, seguindo as orientações de Bardin (2011). Escolhemos a análise de conteúdo, na medida em que se trata de uma técnica de ampla validação em pesquisas qualitativas (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011). Ademais, a seleção por essa técnica se justificativa por sua capacidade de captação, de maneira qualificada, das percepções acerca do processo de consolidação da juventude no campo político no que tange às disputas, estratégias e ações, a partir das narrativas de suas trajetórias e estratégias junto aos movimentos sociais ambientais nos quais estão inseridos.

Sob essa perspectiva, o artigo está dividido em três seções, além desta introdução. A seguir, abordaremos, de modo geral, sobre juventude, movimentos sociais e mudanças climáticas. Posteriormente, analisaremos e discutiremos os resultados obtidos através da pesquisa empírica. Por fim, concluímos com as considerações sobre as análises e discussões realizadas no transcórre do artigo, apontando ainda a importância do mesmo.

Quadro teórico-conceitual

Juventude e movimentos sociais

O ativismo juvenil no Brasil possui um histórico de atuação bastante profuso. De acordo com Carneiro e Castro (2007), a juventude brasileira passa a se organizar de maneira mais efetiva, enquanto categoria, nas décadas de 50 e 60, através de grupos de estudantes, de cultura e partidos políticos. Com o início do regime militar na década de 60, a juventude, principalmente a juventude estudante, passa a atuar na resistência ao regime.

Após anos de desgaste do regime militar, o processo de redemocratização do país, que foi impulsionado por mobilizações sociais e ganhou força após a Constituição Federal de 1988, possibilitou aos movimentos e agrupamentos juvenis uma alteração nas principais pautas. A contestação fortemente utilizada contra o regime militar deu lugar à intensa mobilização em prol da garantia de direitos e de políticas públicas. A criação de novos partidos, a ampliação dos espaços institucionais de participação, como os conselhos de políticas públicas, a possibilidade de eleições diretas, entre

outras ações, impulsionou uma nova forma de mobilização da sociedade, onde uma diversidade de pautas passa a compor o cenário político e a se fixarem no centro do debate de vários movimentos sociais.

Os jovens passam, então, a se inserirem em espaços formais da política, como partidos políticos, conselhos, conferências e sindicatos. Esse fenômeno é entendido por Vázquez e Cozachcow (2017) como um regresso à política. Para além dos espaços formais, os movimentos sociais, mas também os coletivos, agrupamentos e outros passam a contar com uma expressiva participação da juventude, inclusive passando a ocupar espaços de liderança e direção dentro de suas organizações. A invisibilidade que, por muito tempo, permeou a juventude e sua atuação política, foi perdendo espaço para um protagonismo juvenil - ainda em curso - no país. Apesar das relações de poder simbólico (BOURDIEU, 1989) e das relações hierárquicas presentes no campo político que descredita a participação dos jovens, há uma tendência de consolidação das pautas e do próprio ativismo juvenil no campo político.

Nesse sentido, utilizamos a abordagem de movimentos sociais que se ancora na teoria dos Novos Movimentos Sociais (GOHN, 1997), a qual se distancia da concepção clássica, fundamentada na abordagem marxista, que relaciona estreitamente a ação social com fatores macroeconômicos e questões de classe. As transformações vivenciadas pela sociedade, inclusive na economia, nos últimos anos resultaram num avanço conceitual acerca do entendimento das mobilizações sociais, como sinaliza Gohn (1997, p. 120):

A teoria dos Novos Movimentos Sociais é ambígua - alguns partem de premissas totalmente distintas do marxismo (como Melucci), outros fazem uma ruptura na forma de abordagem, mas trabalham com as macroestruturas societais (caso de Touraine), outros ainda questionam a validade da utilização de alguns prognósticos realizados por Marx, arguindo pela necessidade de sua atualização - dando as transformações históricas -, sem negar a validade das categorias básicas.

Nesse sentido, os novos agrupamentos surgidos nos últimos anos não se reconhecem única e exclusivamente por sua classe social e podem ser compreendidos como os novos movimentos sociais (SILVA JÚNIOR; MOURA, 2020). Conforme estes autores, “a partir de novos fatores como cultura, lutas sociais, identidades e outros,

os novos movimentos sociais passam a endossar um novo modelo de fazer política” (p. 184).

É nesse contexto que a questão ambiental surge na cena política. As questões ambientais possuem forte potencial de identificação e aglutinação política entre os jovens devido à crescente consciência ambiental que tem se difundido entre a juventude (CARVALHO, 2006). Nos últimos anos, esses fatores resultaram na forte presença de jovens em grupos, ações de voluntariado e ativismo em Organizações Não Governamentais (ONGs) conhecidas nacional e internacionalmente, como é o caso do Greenpeace. Para a autora:

No conjunto desses novos movimentos sociais, a temática ambiental, ao lado das questões de gênero, parece ter sido uma das que mais conseguiu penetrar na diversidade das lutas sociais nas últimas décadas e alcançar certa legitimidade em diferentes segmentos sociais, inclusive no âmbito das lutas populares e sindicais, que, de certa forma, foram, em um determinado momento, o contraponto desses novos movimentos (CARVALHO, 2006, p. 311).

A “militância ecológica” pode ser traduzida através da preocupação com a natureza e as diversas questões ambientais e é fundamentada por comportamentos ambientalmente corretos (CARVALHO, 2006). Compreendemos que esses comportamentos carregam e estão ancorados em ações que unificam o ideal “ambientalmente correto”, ou seja, comportamentos sociais que visam a preservação do meio ambiente, o cuidado com a natureza e os recursos naturais, fomentando, assim, o ativismo ecológico, conforme observaremos e discutiremos no tópico de resultados e discussões.

Os novos movimentos utilizam as narrativas como estratégias que visam a legitimação e unificação de elementos simbólicos e aglutinadores da ação política coletiva. As narrativas são recursos essenciais que visam mobilizar mais pessoas, angariar apoiadores, definir as ações dos movimentos e influenciar a tomada de decisões políticas (POLLETTA; GARDNER, 2015). Para Gould (2009), os fatores emocionais presentes nos discursos são fundamentais para a construção de agendas políticas dos movimentos sociais. No tópico a seguir, abordaremos sobre as mudanças climáticas como uma grande problemática socioambiental que tem tido grande inserção no ativismo de jovens junto aos movimentos sociais.

Mudanças climáticas

Em termos globais, há evidências que as mudanças climáticas têm assumido o caráter de crise, constatação internacionalmente reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) (PINSKY, 2019) em função da imposição de uma série de desafios aos sistemas humanos e naturais, tais como o aumento do nível do mar, a intensificação da ocorrência de eventos climáticos extremos (inundações e períodos de estiagens, por exemplo) e o aumento da temperatura média global. Por crise climática, entendemos como uma dimensão da crise ambiental atual, sendo resultante das mudanças no sistema climático global em função do aumento da concentração de Gases de Efeito Estufa (GEE) na atmosfera, consequência das atividades antrópicas.

Ainda que as mudanças climáticas não seja um problema recente, com autores como Giddens (2010) apontando para uma origem no período da Revolução Industrial, se trata de um desafio ainda mais contemporâneo em função de suas consequências cada vez mais intensificadas na atualidade. As mudanças climáticas consistem na:

[...] dimensão mais urgente, mais grave e mais profunda da crise ambiental do século XXI. É urgente porque resta pouco tempo para estabilizar a concentração de gases de efeito estufa em níveis aceitáveis na atmosfera. É grave porque aumenta significativamente a desertificação, a crise de recursos hídricos e a crise de biodiversidade. Além disso, destrói muita infraestrutura existente, traz grandes prejuízos às atividades econômicas e afeta com severidade as populações pobres do planeta. E é profunda porque não existe solução apenas tecnológica (BECK, 2011, p. 10).

Estudos científicos reconhecem que o responsável principal por essas mudanças no sistema climático é o ser humano (IPCC, 2014; BLANK, 2015; RIBEIRO; SANTOS, 2016) devido às suas atividades altamente geradoras de GEE, como a queima de combustíveis fósseis para uso massivo em automóveis. Sobre isso, pontuamos que as atividades antropogênicas são responsáveis por cerca de 75% das emissões desses gases em nível global (BAI *et al.*, 2018). Recentemente, um relatório síntese de avaliação do IPCC alerta sobre o argumento de que as ações humanas estão cada vez mais contribuindo para a intensificação das mudanças climáticas (IPCC, 2021).

Devido a isso, compreendemos, nesta discussão, as mudanças climáticas não somente como um fenômeno natural de alterações do clima num longo período temporal, como define o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2013); mas também como um fenômeno social e humano, pois a ação antrópica exerce

força importante sobre essas alterações à medida que apresentam atitudes e práticas altamente emissoras de GEE, que intensificam as mudanças climáticas.

Na contemporaneidade, em virtude dessa contribuição humana sobre as mudanças climáticas, há cada vez mais o reconhecimento da existência de uma nova era geológica, o “Antropoceno”, definida como “a manifestação mais recente de um ciclo climático generalizado em escala milenar operando independentemente do estado do clima glacial-interglacial” (BOND *et al.*, 1997, p. 1257, tradução nossa)³. Enfim, o ser humano tem papel central no debate sobre as mudanças climáticas tendo em vista suas atividades altamente insustentáveis que, por sua vez, têm impactos socioambientais dos mais variados, tais como a ocorrência de eventos climáticos extremos, a escassez hídrica, e a insegurança alimentar e nutricional

É importante pontuarmos, então, que as mudanças climáticas são um fenômeno para além do aquecimento global, uma vez que este se trata de um exemplo dos efeitos dessas mudanças que acometem o clima global. Consideramos ainda que o problema das mudanças climáticas não está no efeito estufa, visto que é um fenômeno natural de suma importância para o mantimento da temperatura da terra em níveis normais que possibilitem a sobrevivência das espécies; mas sim na alta concentração dos gases causadores desse fenômeno, provocada pelas interferências humanas.

Nessa perspectiva, as mudanças climáticas são aqui compreendidas como, se não a maior, uma das problemáticas socioambientais contemporâneas, com evidências científicas que demonstram cada vez mais confiabilidade sobre suas consequências drásticas e severas sobre os mais diversos sistemas. Para solucionar ou pelo menos atenuar os desafios oriundos desse problema global, tentando incorporá-los e efetivá-los nas agendas políticas e públicas de todo o mundo, jovens ativistas têm se mobilizado frente à questão, a partir de sua inserção em movimentos sociais e/ou grupos que têm as questões ambientais e, sobretudo, climáticas como pauta, conforme apresentamos e discutimos em sequência.

³ “the most recent manifestation of a pervasive millennial-scale climate cycle operating independently of the glacial-interglacial climate state” (BOND *et al.*, 1997, p. 1257).

Resultados e discussões

Trajetórias e narrativas

A fim de elucidarmos, de maneira sistemática, as experiências, as vivências e os espaços que impulsionaram os jovens entrevistados a se inserirem em movimentos ambientais, construímos um quadro sobre as trajetórias desses ativistas, que nos mostram de onde eles vieram, e quais foram suas motivações e/ou referências (Quadro 01). Os nomes dos entrevistados estão exibidos de maneira abreviada para garantir um maior anonimato.

Quadro 01 - Trajetórias

Entrevistado	Movimento	Trajetória
G. C.	Engajamundo	Referência familiar
G. B.	Cicle/Engajamundo	Referência familiar e movimento estudantil
V. H.	Greve Pelo Clima	Referência familiar e movimento estudantil
T. M.	MAB	Movimento estudantil
P. R.	Engajamundo	Movimento estudantil
M. A.	MPA	Movimento estudantil

Fonte: Elaboração própria (2020).

A partir da análise do quadro acima, fica clara a estreita relação que os movimentos sociais de cunho ambiental possuem com o movimento estudantil e, principalmente, o movimento estudantil universitário. Percebemos que, de modo geral, as lideranças dos movimentos ambientalistas são caracterizadas por jovens de classe média que detêm recursos e condições objetivas que os permitem engajar na chamada “militância ecológica”.

Nesse sentido, destacamos que apenas duas trajetórias surgiram nas falas dos entrevistados: o movimento estudantil e o âmbito familiar, o que nos permite aferir que a entrada desses militantes no ativismo ambiental é resultado da trajetória e da vivência dos jovens nesses dois espaços. O movimento estudantil perpassa a trajetória de cinco dos seis entrevistados, por isso, entendemos que o ambiente da universidade,

potencializado pela militância estudantil, apresenta um forte indutor do ativismo ecológico, captando os jovens que já possuem, em certa medida, uma aproximação com a temática com ou a participação política.

Desse modo, as condições objetivas que potencializam esse engajamento podem ser compreendidas como a disposição de recursos materiais e imateriais, como financeiro, tempo, pré-disposição, apoio familiar e capital cultural. De acordo com os entrevistados, a questão ambiental aparece de maneira pouco incisiva nas suas vivências escolares, como destacada P.R, representante do Engajamundo:

Em todo meu ensino médio eu estudei em escola pública, e dentro do espaço da sala de aula eu nunca tive uma proximidade com o clima e muito menos com o meio ambiente, toda a visão que eu tinha sobre o que era o meio ambiente eram aquelas coisas consideradas como clichês: “ah, vamos falar de reciclagem”, “vamos falar sobre economizar água”, não que isso não seja uma coisa importante, mas o único contato que eu tive durante o meu ensino médio na escola foi assim, ou então quando a gente falava sobre clima e vinha aquela coisa do “ah, os ursos polares estão morrendo”, então dentro do ensino médio, na escola, no meu período da adolescência, eu nunca tive a preocupação e nem o contato com esses temas.

Entretanto, é após a entrada no ensino superior que os jovens passam a ter contato não só com o debate que cerca o meio ambiente, mas também com os movimentos sociais. A forte inserção dos movimentos nos espaços acadêmicos universitários aproxima os jovens que já estão de alguma forma no movimento estudantil (centros acadêmicos, diretórios centrais, entre outros) aos movimentos ambientalistas:

O meu contato com o movimento estudantil foi através de uma organização da minha igreja chamada ABU, onde eu tive experiência e com o tempo eu me aproximei das lutas ambientais e dos povos originários (V. H. representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Em 2016 quando teve o golpe, nós do DCE fizemos uma mobilização e ocupamos a universidade, lá o MPA entrou num acordo conosco de garantir nossa alimentação e proporcionar alguns momentos de formação política, foi aí que passei a participar com mais força do MPA (M. A. Representante do MPA, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A aproximação da pauta ambiental - e dos movimentos sociais ambientais - com a universidade se dá também, com os jovens aqui entrevistados, através dos cursos de graduação e pós-graduação que possuem o meio ambiente como tema central ou transversal. Outra forma desse contato é através de palestras, projetos de pesquisa, extensão etc., como podemos observar a seguir a partir de trechos das falas de entrevistados da pesquisa:

Minha trajetória no movimento ambiental veio através do movimento estudantil, na universidade eu fazia parte do núcleo de assessoria jurídica popular. A gente tinha muito contato com o MST, fui me aproximando do campo dos movimentos com uma visão mais crítica da realidade. Antes disso eu não tinha contato com a luta política, [...] foi através da extensão universitária (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Com 18 anos, eu comecei de fato a me envolver com o movimento ambiental, comecei a estudar sobre o movimento, participar de reuniões etc. Em 2015, eu participei de um evento vinculado à universidade, e um dos participantes era do Engajamundo e eu achei aquilo muito interessante, foi aí que eu me vinculei ao Engajamundo (G. B. Representante do Cicle e Engajamundo, entrevista concedida aos autores em agosto de 2020).

A relação entre o movimento ambiental e os cursos de graduação possui forte laço devido à temática desses cursos. Observamos ainda que a inserção dos ativistas nos movimentos também influencia o processo de escolha de seus cursos de pós-graduação. Nesse sentido, os ativistas procuram aliar suas vivências práticas na militância ambiental com o conhecimento acadêmico:

Eu conheci o MAB na universidade, quando eu estava na graduação de Direito e acabei fazendo uma especialização que o MAB coordena com a federal do Rio. E agora faço doutorado em Direito Socioambiental (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Eu sou da psicologia, mas minha área de interesse, inclusive de pesquisa de mestrado foi para a psicologia ambiental devido a toda essa influência [do movimento] (G. C. Representante do Engajamundo, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

O fator da influência familiar aparece em menor proporção, mas ainda sim configura uma esfera importante de aglutinação da mobilização juvenil ambientalista.

As trajetórias de vida de alguns dos jovens entrevistados revelam que desde a infância a questão ambiental atravessa suas experiências e vivências cotidianas.

O *habitus* (BOURDIEU, 2007), presente no ambiente familiar, marca significativamente a trajetória dos membros que o compõem. Para o autor, o *habitus* pode ser entendido como um conjunto de práticas ou condutas sociais que influenciam a maneira de agir das pessoas que estão inseridas em determinado campo. Dessa maneira, entendemos que o ambiente familiar representa um fator decisivo na construção das identidades dos jovens.

No caso dos jovens aqui entrevistados, os que possuíam histórico na família de parentes envolvidos com questões ambientais passaram a se interessar desde cedo pelo tema, como relatam os representantes do Cicle e Engajamundo:

Eu sempre tive interesse por causas ambientais, desde criança eu tinha interesse por meio ambiente, por natureza, por preservação e tudo. Muito por influência da minha família, tive uma influência muito forte dos meus avós (G. C. Representante do Engajamundo, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Eu sempre fui ligada ao movimento ambiental porque meu pai já participa de um movimento, então isso veio naturalmente, pois desde criança faço ações como limpar o mangue, plantar árvores, coisas dessa natureza (G. B. Representante do Cicle, entrevista concedida aos autores em agosto de 2020).

Para Losekann (2016), as particularidades presentes nas trajetórias biográficas somadas a fatores emocionais dos ativistas são fundamentais no processo de identificação desses militantes com as pautas ambientais. Não apenas as experiências com ativismo por parte dos familiares, mas os espaços físicos de residência também influem de certa maneira na percepção que os jovens possuem sobre o meio ambiente.

Sobre isso, o representante do MPA, que veio de família camponesa, afirma que a questão do uso dos agrotóxicos no seu município o despertou para as questões ambientais e o representante do Greve Pelo Clima passa a ter contato com a temática a partir da cidade onde morava, na qual sua família possuía histórico com o movimento indígena:

Sou de uma família de camponeses, de um município chamado Panambi no RS, e é uma região que tem o maior uso por pessoa de agrotóxico, o maior comprador de veneno nas plantações, uma região com bastante

monocultivo de soja e milho e começa ai meu pé no debate ambiental (M. A. Representante do MPA, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Meus familiares por parte de mãe tem um histórico no movimento indígena e minha vivência em São Luís [com eles] me proporcionou viver essa realidade dos povos originários (V. H. Representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Entendemos que, através das narrativas (POLLETTA; GARDNER, 2014) utilizadas, os ativistas reforçam suas relações com os movimentos sociais a partir de histórias que reafirmam suas identidades, vivências e inspirações. As trajetórias, ou seja, os espaços de acúmulo político ou pessoal por onde esses jovens passaram e suas experiências são contadas por narrativas permeadas de sentidos e valores que agregam à mobilização e identificação com a pauta das mudanças climáticas.

Estratégias coletivas e narrativas

Analisaremos as estratégias utilizadas pelos movimentos através do conceito de repertórios de ação (TILLY, 1995), a fim de compreendermos como as ações realizadas pelos ativistas atuam na construção e fortalecimento dos repertórios desses movimentos. Para o autor, os repertórios de ação são as maneiras que os ativistas agem de modo a concretizar objetivos e interesses coletivos.

A motivação que jovens brasileiros possuem pela pauta das mudanças climáticas e sua inserção em movimentos sociais vai além das suas trajetórias e experiências de vida. De acordo com Pereira e Silva (2020, p. 625), “ativistas de movimentos sociais não constroem suas identidades apenas com referência a sua trajetória e ao movimento, mas também a partir das táticas que costumam adotar”. Entendemos, nesta discussão, que as táticas utilizadas pelos movimentos também constituem fator determinante na entrada e permanência nos movimentos e na identificação com o grupo, por carregarem sentidos e percepções.

Ainda para Pereira e Silva (2020), os repertórios de ação dos movimentos sociais englobam uma série de táticas - limitadas - disponíveis aos movimentos. No Quadro 02, apresentamos, de maneira sistemática, as principais estratégias que os movimentos utilizam para pautar suas demandas no campo político. Os termos utilizados estão idênticos aos narrados pelos entrevistados, tendo sido alguns adequados pelos autores deste artigo para melhor entendimento:

Quadro 02 - Estratégias

Entrevistado	Movimento	Estratégias
G. C.	Engajamundo	<i>Lobby</i> e participação política
G. B.	Cicle/Engajamundo	Educação ambiental
V. H.	Greve Pelo Clima	Eventos de protesto
T. M.	MAB	Eventos de protesto, comunicação e participação política
P. R.	Engajamundo	<i>Lobby</i> e participação política
M. A.	MPA	Proposição de programas e projetos, articulação com o legislativo

Fonte: Elaboração própria (2020).

O debate acerca dos repertórios de ação no Brasil possui algumas possibilidades analíticas. Abers, Serafim e Tatagiba (2014) colocam em evidência o conceito de repertórios de interação a fim de analisar a relação entre sociedade e Estado, traduzida, principalmente nos últimos anos, na inserção de ativistas e movimentos sociais na burocracia estatal, fenômeno denominado como “ativismo institucional”. Uma segunda possibilidade analítica é considerar os repertórios de ação dos movimentos sociais através do conceito de confronto político (TILLY; TARROW, 2015), onde se tem uma relação mais contestatória por parte dos movimentos sociais frente ao Estado.

A partir da análise do Quadro 02, percebemos que os movimentos sociais aqui analisados se utilizam de estratégias contestatórias (como os eventos de protesto), mas também fazem uso da participação política institucional através da presença em Instituições Participativas (por exemplo, conferências e conselhos) e do diálogo com outros espaços formais da política (como os sindicatos). Além disso, alguns dos movimentos utilizam como tática o diálogo e a interação com o Legislativo e o Executivo:

Nós temos um diálogo bastante profundo com o legislativo e o executivo. Por exemplo, em relação à emissão do gás carbono, nós fizemos o diálogo com outros movimentos, sindicatos e confederações e construímos um PL que foi aprovado no Congresso, mas o Presidente

Bolsonaro vetou [...] é nesse sentido que a gente faz nossa disputa (M. A. Representante do MPA, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A gente sempre faz nossas articulações legislativas e executivas quando é possível, mas tá difícil nessa conjuntura [...] com relação aos conselhos, a gente tem bastante trajetória de atuação com o CNDH, a gente tem assento inclusive [...] acompanhávamos o CONSEA, e diversos conselhos municipais de saúde (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Há esse diálogo [com o legislativo]. No início tinha uma tentativa de não ter parceria com partidos políticos e congresso, mas hoje não, hoje o Greve Pelo Clima tá articulado com parlamentares da frente ambientalista e que tem ferramentas do congresso que somam. Assinaturas, criar manifesto, articular greves, ver essa questão jurídica, então há essas articulações. [Também] participamos de conselhos ambientais (V. H. Representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Outra estratégia utilizada pelos movimentos é a de dialogar - ou possuir uma relação de proximidade - com outros movimentos que pautam as mudanças climáticas ou as questões ambientais de maneira geral, principalmente, em momentos e situações críticos. A conjuntura política atual do Brasil, que é bastante citada nas entrevistas, nos aparece como impulsionadora para ações em conjunto dos movimentos climáticos. A narrativa posta pelos ativistas em relação à conjuntura política possui centralidade nas ações federais, refletindo uma tensão entre os movimentos e o presidente Jair Bolsonaro, resultando em ações contestatórias.

Existem divergências também [...] mesmo com as diferenças a gente dialoga [com outros movimentos]. Depende da conjuntura, quando estamos em momentos progressistas a gente consegue discutir e enfrentar as diferenças, quando não, a gente vai se unir porque existe um inimigo maior destruindo a Amazônia que é o Bolsonaro, por exemplo (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Nacionalmente o Engajamundo está bem entrelaçado com o Greve pelo Clima. Cada jovem tem seu movimento, mas há uma linha de entendimento social e político de que Bolsonaro é a pior coisa que tem que acontecer e que as mudanças climáticas são emergenciais (V. H. Representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

A insatisfação com o governo federal e, especialmente, com a figura do Presidente da República possibilita que os movimentos e os ativistas coloquem de lado as divergências políticas e se unam em uma narrativa combativa à atual conjuntura. A problemática recente das queimadas na Amazônia, por exemplo, nos elucida como questões “gerais” ou de comum interesse dos movimentos os agrupam em determinado momento. Os sentidos e as emoções também são fatores mobilizados pelos movimentos como estratégias a fim de consolidarem suas pautas no campo político ou para agregar militantes. As próprias narrativas são utilizadas no repertório de ação do Cicle - Pedalando Pelo Clima enquanto tática do movimento:

O objetivo [do Cicle] é o de comunicar com os grupos de diferentes pessoas e territórios que estão inseridos na questão das mudanças climáticas, e de ir pedalando por estes lugares através da mobilidade. No ano passado, por exemplo, um dos membros fez uma viagem por Mariana (MG), conversando com pessoas que haviam enfrentado o desastre causado pela VALE. Outros membros foram a uma região quilombola em Pernambuco, passaram ainda por Maringá (PR) (G. B. Representante do Cicle, entrevista concedida aos autores em agosto de 2020).

A gente entende a comunicação como uma estratégia essencial nesse campo de impacto social. Não dá pra falar de pautas socioambientais, como o clima, se a gente não está sabendo como falar e pra quem falar (G. C. Representante do Engajamundo, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A comunicação aparece, além do Cicle e Engajamundo, como estratégia do Greve Pelo Clima e do MAB. Utilizando as narrativas através de meios tecnológicos, a comunicação nesses movimentos tem como objetivo aproximar os jovens e a sociedade de maneira geral da discussão sobre as mudanças climáticas. As redes sociais também se configuram em uma forma de os movimentos buscarem captar apoiadores e ampliar o alcance de suas pautas ao transmitirem em suas comunicações, narrativas permeadas de sentidos e valores.

A gente tem uma estratégia forte de comunicação, a gente acha que sociedade civil tem abertura para a questão ambiental do Rio Doce, por exemplo, mas não tem para as vítimas do Rio Doce. [Temos como objetivo] criar um espaço de diálogo com a população (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A juventude tem uma capacidade criativa importante e uma relação com as tecnologias que possibilitam formas de lutas. [Fazemos uso] das redes sociais, artes, mobilizações digitais, os jovens sabem usar muito bem o twitaço, Instagram, lives, o diálogo é melhor (V. H. representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

As estratégias aqui elencadas - participação em espaços institucionais da política, o diálogo com o legislativo, a relação com outros movimentos e a comunicação - representam táticas fundamentais no processo de consolidação dos movimentos e das pautas climáticas no campo político. A escolha por determinadas estratégias tem relação direta com o objetivo central de cada movimento e fica clara, através das narrativas expostas, que os ativistas possuem papel fundamental na manutenção e propagação dessas táticas.

Ao colocarem as táticas como peças-chave no processo de construção de identidade dos ativistas com seus movimentos ou pautas, Pereira e Silva (2020) nos ajudam a compreender como os jovens ativistas ambientais aqui analisados constroem suas narrativas. À medida que narram as estratégias utilizadas por seus movimentos, os jovens fortalecem e reafirmam o aspecto simbólico, entrelaçando suas trajetórias e perspectivas com a ação coletiva.

Os aspectos simbólicos, presentes nas narrativas dos jovens, são constituídos nas trajetórias, em sua maioria, pela influência e pelos valores familiares. Nas táticas utilizadas, os aspectos simbólicos são constituídos através das ações de caráter singular como as pedaladas em territórios vulneráveis, a “contação” de histórias e as demais ações de caráter lúdico, que possuem o objetivo de agregar novos ativistas e difundir os ideais e as demandas dos movimentos.

Considerações finais

As trajetórias dos jovens ativistas estão ancoradas em dois fatores estruturantes: a influência familiar e a inserção no movimento estudantil universitário. Esses fatores representam os maiores impulsionadores da atual participação dos jovens em movimentos sociais de cunho ambiental. Nesse sentido, entendemos que as trajetórias dos jovens carregam sentidos e valores que os motivaram a ingressar em grupos e movimentos. Esses sentidos e valores se traduzem,

por meio das narrativas, em fatores emocionais e de identidade que os impulsionam a exercer o ativismo baseado na perspectiva que possuem acerca do meio ambiente.

Em relação às estratégias, Pereira e Silva (2020), ao questionarem de que maneira determinadas formas de ação são incorporadas nos repertórios dos grupos, nos levam a considerar, a partir desta presente pesquisa, que, no caso dos movimentos ambientalistas brasileiros, as estratégias utilizadas são dadas a partir de fatores de conjuntura política, em que as ações se dividem entre ações contestatórias (como eventos de protestos) e de diálogo com o poder público (como o *lobby* ou a participação em instituições participativas) a depender de como a questão climática está colocada na conjuntura política. As estratégias dos movimentos também possuem emoções e sentidos, percebidos nas falas dos jovens, que constituem ponto crucial na continuidade não só das ações, mas de seus interesses e de suas atuações dentro e fora dos movimentos sociais.

Posto essas questões, afirmamos que, através dos resultados obtidos, suprir o objetivo proposto no momento introdutório deste artigo à medida que destacamos e analisamos as trajetórias desses jovens e as estratégias por eles utilizadas para pautarem as mudanças climáticas no Brasil.

Assim sendo, os achados deste artigo buscam contribuir com os avanços analíticos que estão em curso no Brasil em relação às pesquisas acerca da juventude inserida em movimentos sociais, em especial sobre as questões ambientais e climáticas, ampliando as possibilidades analíticas em torno da juventude, mudanças climáticas e ativismo ambiental no Brasil. Isso porque entendemos que a juventude se constitui como categoria heterogênea, e que as mudanças climáticas e demais questões ambientais representam campos em contínuo processo de consolidação na academia e nos movimentos sociais.

Referências

- ABERS, Rebecca; SERAFIM, Lizandra; TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação estado-sociedade em um estado heterogêneo: a experiência na Era Lula. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 57, n. 2, p. 325-357, 2014.
- BAI, Xuemei *et al.* Six research priorities for cities and climate change. **Nature Climate Change**, v. 555, pp. 23-25, mar. 2018.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2011.
- BARROS, Antonio Teixeira de. Juventude e Políticas Públicas: A Percepção e os Discursos de Jovens Brasileiros. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 8, n. 18, p. 183-211, jan./abr. 2020.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- BLANK, Dionis Mauri Penning. O contexto das mudanças climáticas e as suas vítimas. **Mercator (Fortaleza)**, v. 14, n. 2, p. 157-172, 2015.
- BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almira Ferraz. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, o. 105-117, jan./jun, 2021.
- BOND, Gerard *et al.* A pervasivemillennial-scalecycle in North AtlanticHoloceneand glacial climates. **Science**, v. 278, n. 5341, p. 1257-1266, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. As transformações na esfera pública e a ação ecológica: educação e política em tempos de crise da modernidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, p. 308-315, 2006.
- CRISTO, Hélio Souza de; BARZANO, Marco Antonio Leandro. Socialização política e meio ambiente: considerações acerca do engajamento militante de jovens ambientalistas do Estado da Bahia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 14, n. 3, p. 1251-1269, set./dez. 2019.
- CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 11-47, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GOULD, Deborah B. **Moving Politics: emotion and ACT UP'S 's fight against AIDS**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. **Climate Change 2007: Impacts, Adaptation and Vulnerability**. Genebra: IPCC, 2007. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/03/ar4_wg2_full_report.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. Summary for Policymakers. In: STOCKER, T.F. *et al.* (Eds.). **Climate Change 2013: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Fifth Assessment Report of the**

Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, 2013. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WG1AR5_SPM_FINAL.pdf>.

Acesso em: 25 de nov. de 2021.

IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. **ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS 2014: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade - Resumo para Decisores**. Genebra: IPCC, 2014. Disponível em:

<https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/03/ar5_wg2_spmport-1.pdf>. Acesso em: 28 de abr. de 2020.

IPCC - IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. **AR6 Climate Change 2021: The Physical Science Basis**. Genebra: IPCC, 2021. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_Full_Report.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

LOSEKANN, Cristiana. A política dos afetados pelo extrativismo na América Latina. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 20, p. 121-164, mai./ago. 2016.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

OLIVEIRA, Sidney Santos. Juventudes e política: uma análise das formas e modalidades de participação dos jovens universitários da Grande Recife. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 1, n. 12, p. 60-82, 2018.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Movimentos sociais em ação: repertórios, escolhas táticas e performances. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 615-645, ago. 2020.

PINSKY, Vanessa. Crise Climática: **Relatórios, Impactos e Ações**. Fundação Instituto de Administração (FIA), 25 out. 2019. Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/crise-climatica/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

POLLETTA, Francesca; GARDNER, Beth G. Narrative and Social Movements. In: DELLA PORTA, D.; DIANI, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Social Movements**. Oxford: Oxford Press, 2014, p. 534-548.

POLLETTA, Francesca; GARDNER, Beth. Culture and social movements. In: SCOTT, Robert A.; KOSSLYN, Stephen M. (Orgs.). **Emerging Trends in the social and behavioral sciences**. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015, p. 1-13.

RIBEIRO, Isadora M.; CAMPOS, Júlia L. M.; DOULA, Sheila M. Tradições culturais locais e mudanças

climáticas globais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV)**, v. 7, n. 2, 266-272, jul./dez. 2018.

RIBEIRO, Suzana Kahn; SANTOS, Andrea Souza. **Mudanças climáticas e cidades: Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas**. Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC). Rio de Janeiro: COPPE - UFRJ. 116p. Disponível em: <http://www.pbmc.coppe.ufrj.br/documentos/Relatorio_UM_v10-2017-1.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2020.

SILVA, Tarcísio A. A. Políticas públicas de juventude e meio ambiente: o que a percepção socioambiental dos jovens pode dizer? **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 214-222, mai./ago. 2016.

SILVA JÚNIOR, Marcos A. F. da; MOURA, Joana T. V. de. Movimentos sociais e juventude: discursos coletivos e narrativas na construção das mobilizações contemporâneas em Natal/RN. In: SILVA, Rebeca M. da *et al.* (Orgs.). **Planejamento urbano e regional no Rio Grande do Norte: uma década de estudos e pesquisas**. EDUERN, Mossoró, 2020, p. 181-197.

TILLY, Charles. Contentious Repertoires in Great Britain, 1758-1834. In: TRAUGOTT, Mark (Org.). **Repertoires And Cycles Of Collective Action**. Durham: Duke University Press, 1995, p. 15-42.

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. **Contentious Politics**. London: Paradigm Publishers, Boulder, 2015.

VÁZQUEZ, Melina; COZACHCOW, Alejandro. Activismo juvenil en partidos congestionados de gobierno a nivel subnacional en Argentina (2007-2015). **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, v. 25, n. 64, p. 47-72, dez. 2017.

Recebido: 04 Ago 2021

Aceito: 03 Dez 2021